

RUBEM BRAGA

## LAMBARY

E' bem cacete discutir um assumpto onde não ha nada a resolver, porque já está resolvido. E' cacete, mas talvez não seja inutil. No caso da neutralidade eu creio que não é. E peço desculpas a meus leitores de voltar a elle. Dir-se-á que estou chovendo no molhado. O governo resolveu que o paiz está neutro. Resolveu e baixou instrucções a esse respeito. Depois um homem do governo o ministro da Guerra, baixou mais detalhadas instrucções, dirigidas especialmente ás classes armadas. Agora outra figura do governo — o ministro do Exterior — mandou uma carta ao ministro da Guerra cumprimentando-o pela sua circular. Depois de tudo isso não é ligeiramente ridiculo e perfeitamente dispensavel que um pobre sr. Rubem Braga — um bengalafumenga, como se diz no Nordeste, esteja a atucanar quasi diariamente a paciencia de seus escassos leitores pregando a neutralidade?

Eu me explicarei e me desculparei dizendo que o nosso povo não tem a minima vocação para viver em um regimen totalitario. Ha povos aos quaes basta um homem poderoso dizer que fique firme porque ha um piloto ao leme e o piloto sabe o que faz, para elle socegar. São povos provavelmente felizes porque abdicaram do penoso direito de pensar. Nossa gente, porém, é mais inclinada a se deixar levar por argumentos e sentimentos que por ordens e berros. Temos respeito pela autoridade, mas não temos, graças a Deus, a mystica da autoridade. Porisso mesmo eu acho importante que a neutralidade não seja apenas uma ordem cumprida; seja principalmente uma attitude comprehendida. Um homem de governo manda; eu, pobre homem de imprensa, discuto e explico. A acção do governo é decisiva. A minha acção nem porisso é completamente inutil. E' esta ingenua crença que me anima a escrever alguma coisa.

E não é mesmo completamente inutil porque não falta por ali quem, levado não sei porque obscuros motivos, queira torpedear ideologicamente e sentimentalmente a nossa neutralidade. Velhos "slogand" são postos submarinamente em circulação. Ha cavalheiros bellicosos que manobram com todo o géitinho austeros chavões. Não falam claro. Dizem por exemplo, que os communistas, no Brasil, são partidarios da neutralidade. Dão a entender, por exemplo, que existe na Europa uma lucta entre o materialismo e o espiritualismo. E convidam o povo a raciocinar assim: si os diabolicos communistas são neutralitarios é, certamente porque esse negocio de neutralidade é coisa feia! Si ha uma lucta entre materia-

lismo e espiritualismo nós, povo espiritualista, não podemos, na certa, ficar neutros!

O mais comico é ver como se tornaram democratras esses cavalheiros de espirito profundamente inquisitorial. Democratras puramente de exportação está visto. Mais realistas que o Rei, mais papistas que o Papa, elles esvoaçam languidamente na penumbra das insinuações. Está visto que não são contra a attitude do governo — oh, não, isso não, nunca, jamais! Mas acontece que a civilização occidental, que o christianismo, que a dignidade humana, que o espiritualismo... e teréré, teréré teréré, té.

Vamos parar com isso. Esses cavalheiros estão convidados a dizer com clareza onde querem chegar. Achem que o nome do espiritualismo, da dignidade humana, etc., etc., o caboclo brasileiro deve ir servir de carne para canhão na Europa? Si acham, digam logo, que a hora é de clareza. Achem que porque ha communistas a favor da neutralidade o governo deve ser contra? Si a Inglaterra e a França não declaram guerra á Russia e, quando é preciso, pactuam com ella, como ha pouquissimo tempo pactuavam e como agora mesmo estão tacitamente pactuando nós é que temos a missão de "salvar a civilização occidental?"

Calma cavalheiros. Temos outra civilização a salvar. E não sómente a salvar: a crear. Tempo teremos para pensar em salvar o mundo; o que é urgente, previamente, é construir o Brasil. Os senhores hoje dizem e berram a favor da democracia. Isso me commove profundamente, porque sempre fui a favor da democracia e procurei defendel-a, inclusive em occasiões em que isso não era em absoluto commodo. Continúo sendo partidario da democracia contra todos os regimens de força e de abuso da força. Mas penso que as ideias só valem em funcção da realidade, e acima de qualquer doutrina, crença, philosophia ou coisa que o valha me interesse pelo Brasil.

Imaginei os senhores si no meio do mar surge uma terrivel briga entre um polvo e um tubarão. O tubarão mette os dentes num robalo. O polvo vae em cima do tubarão. Um mero, amigo do polvo, entra no barulho. Um urso do mar aproveita a confusão para engulir um pedaço do robalo. Agora eu pergunto uma coisa: que é que lambary tem com isso?

Somos lambary. Cuidemos de nós mesmos, armemo-nos, fortaleçamo-nos longe da briga dos outros. Assim, um dia, si por acaso apparecer por aqui um tubarão ou outro bicho qualquer atraz de um lambary, quebrará os dentes num pedaço de couro duro. O resto é teréré, é conversa de estatua.